

A' margem do Café

Engenheiro Agrônomo A. PERRIER
do Instituto Agronomico de Campinas

Nestes ultimos vinte annos a lavoura do café no Brasil viveu em crises periodicas. Desde o accôrdo de Taubaté, em 1906, os grandes Estados cafeeiros adoptaram uma politica, cujas modalidades variaram, mas cuja directriz foi sempre baseada na intervenção dos Governos no mercado, ora comprando o café para diminuir o stock, ora limitando as entradas nos portos de embarque pela restricção dos transportes. A criação do Instituto de defeza do café e dos armazens reguladores foi a coroação deste systema de defeza. Os adiantamentos feitos aos lavradores sobre os cafés depositados nos armazens reguladores pareciam tambem resolver o problema do credito agricola. Não queremos distinguir as vantagens e os inconvenientes deste processo, que teve a seu credito algumas operações bem succedidas. Entretanto, não se deve esconder, que a retenção do café brasileiro, em armazens que mal o acondicionava, sem tratamento adequado, teve como resultados visiveis: A constituição de um stock importante de café deteriorado quasi sem valor commercial e que veio deprimir os preços, e uma alta artificial passageira que teve como consequencia o desenvolvimento das plantações de café nos paizes estrangeiros, particularmedte na America Central. Foi assim, por exemplo, que a producção da Columbia que não attingia um milhão de saccas, ha dez annos atraz, chegou agora ao algarismo respeitavel de *tres milhões de saccas*. Mas, os altos preços do café durante o ultimo periodo, foram tambem um incentivo ao desenvolvimento das plantações novas no Brasil. A politica de retenção praticada em relação ao café, devia pois, fatalmente, conduzir o paiz á presença de uma super-producção, e, portanto, a uma nova crise. Essas crises, evidentemente são tanto mais graves quando se trata de uma cultura que não pode ser reduzida de um anno para outro, de uma cultura arbustiva que immobiliza immensos capitães, e agora ella é tanto mais perigosa para o commercio e a economia nacional quanto a *producção estrangeira* não pode mais ser considerada como um *factor de prezivel*.

ouve-se muitas vezes, dos proprios fazendeiros, que uma geada seria

bem-vinda para valorisar o café. Isso quer dizer, que todos os esforços feitos pelos Governos, por suas instituições agricolas, por suas escolas, para intensificar a producção, melhorando os processos culturaes, combatendo as pragas, são contraproducentes, pois, todos os esforços neste sentido só podem servir para agravar cada vez mais a situação.

Porque applicar as regras as mais perfeitas de cultura racional, se os productores estão sob a dependencia quasi absoluta dos compradores, e se o volume da colheita não se equilibra mais com o do consumo?

Quando um systema conduz á semelhantes resultados, porque procurar sempre concertal-o? Economicamente a generalisação de um tal processo commercial é reconhecidamente errada?

*
* *

Os productores devem convencer se que é da venda que depende em ultima analyse o resultado final das suas operações, e que o systema actualmente seguido no Brasil é um anachronismo que não corresponde mais nem ás condições da lavoura e nem ás do commercio, de um producto tão importante como o café para a economia nacional.

O commercio do café tomou nestes ultimos vinte annos uma extensão notavel, mas assistimos ao mesmo tempo ao divorcio cada vez mais absoluto entre o commercio e a producção.

Para vender o seu café, conservar sua liberdade de acção, para terem nos mercados mundiaes, o logar que lhes competem, os lavradores devem substituir pela acção collectiva a acção individual.

A venda em commum impoe se para impedir a hegemonia de alguns compradores; pois, é sabido que o productor isolado, insufficientemente instruido sobre os centros de venda, sobre as necessidades dos mercados, sobre as exigencias dos consumidores, e ás vezes por razões puramente financeiras, é quasi sempre obrigado a vender os seus productos por preços inferiores

Pelo contrario, uma COLLECTIVIDADE DE PRODUCTORES AGRUPADOS em vista da venda em commum, pode desfructar multipas vantagens de um judicioso entendimento, pela creação de marcas commerciaes especiaes, offerecendo ao comprador todas as garantias de authenticidade, de qualidade, por meio de um contróle do preparo, do acondicionamento, das expedições e da apresentação dos seus productos directamente nos centros consumidores.

Essa noção não é nova, não escapou aos productores de varios paizes; é assim que na Dinamarca, nos Paizes Baixos, na Australia, na Nova

Zelandia etc., as organizações cooperativas desempenham um papel preponderante não sómente sob o ponto de vista da preparação dos productos, como tambem da venda.

As organizações cooperativas para o trigo exercem uma actividade consideravel nos paizes productores deste cereal: Nos Estados Unidos, Canadá, Australia etc., onde essas organizações fiscalisam os 2/3 da exportação total.

No commercio da CARNE por exemplo, das 200.000 toneladas de "BACON" exportado pela Dinamarca 4/5 provêm de matadouros cooperativos, directamente em contacto com o mercado britânico, principal freguez desta industria; a DANISH COOPERATIVA BACON & Cia., organizada em 1902, exporta, ella só, 1/3 da quantidade total do "BACON" exportado pela Dinamarca.

As instituições cooperativas, têm um papel de 1ª ordem no commercio internacional dos OVOS e da MANTEIGA, no qual intervêm para organizar as condições do agrupamento, do preparo, de escolha, da classificação, da venda etc.

São igualmente as grandes associações de lavradores que organizam a venda nos mercados mundiaes da produção das FRUCTAS e dos "PRIMORES" da California, da Florida, da Nova Zelandia, da Africa do sul, da Columbia britânica, da Grecia, da Espanha, da Italia, da Hollanda.

Existem igualmente instituições identicas para o TABACO da Bulgaria, Palestina, União R. S. C., Estados Unidos, para a SEDA no Japão; para a LÃ na Australia, Argentina, Estados Unidos, União Sul Africana, Canadá, para o LINHO na Russia, LETTONIA, LITHUANIA, POLO-NIA, ETHONIA para o ALGODÃO nos Estados Unidos.

E' evidente que a organização de marcas commerciaes de origem, dos "STANDARDS" sómente podem ser realizadas pelas associações dos productores. e sabemos que a Standardisação sendo uma garantia absoluta das qualidades da mercadoria, dando toda confiança aos compradores, favorecem enormemente o desenvolvimento das grandes exportações.

Em resumo, de um lado, a organização dos grandes estabelecimentos commerciaes de compras, e concurrentemente a formação de agrupamentos cooperativos dos productores para a defeza dos seus interesses commerciaes; em vista da venda em commum dos seus productos, a apparição e a evolução rapida das noções de marcas commerciaes, da standardisação, applicada á agricultura, são tantos phenomenos economicos recentes que modifica

são completamente as condições dos mercados dos productos agricolas e para os quaes vizivelmente e infelizmente os productores brasileiros não se interessaram até agora.

Para remediar uma situação que poderia ser tão prejudicial e desastrosa para o futuro, para os interesses de um grande paiz exportador de productos agricolas como o Brasil (CAFÉ — CACAU — ALGODÃO — ASSUCAR — CARNE — MATTE — BORRACHA — etc.) um grande numero de problemas devem ser resolvidos.

E' URGENTE que as *grandes associações agricolas* animem a formação de *agrupamentos de productores* tendo sobretudo em vista as operações de *preparo e da venda em commum dos productos agricolas*; para resolver as "Crises" do *Café*, do *Assucar*, do *Cacau*, do *Algodão*, etc., é preciso crear as *organizações commerciaes cooperativas de preparo e de venda*.

A standardisação, a criação de marcas commerciaes, devem tambem fazer objectos das cogitações dos nossos *lavradores*, das *associações agricolas* e do *Governo*, para tornal-os uma Realidade, e evitar os perigos do açambarcamento do commercio, por organizações de venda, livres de todo laço de interesse para com as regiões productoras.

TRATAMENTO DAS FERIDAS PELO LACTOSERUM

Tem-se observado em clinica veterinaria algumas feridas resistirem ás medicações antisepticas, habitualmente utilizadas. O sero de leite no tratamento de taes feridas, tem dado bons resultados, conforme provam as experiencias realisadas na Escola Veterinaria de Alfort.

Segundo as experiencias e observações feitas na mesma Escola, verificou-se que, o soro de leite utilizado no tratamento das feridas em animaes, diminue rapidamente a suppuração das mesmas, modifica a sua natureza, faz desaparecer o mau cheiro e favorece a cicatrisação.

O soro de leite parece actuar tambem como agente reparador dos tecidos destruidos ou alterados, possuindo tambem uma acção cytophylactica.

Os effeitos therapeuticos do soro de leite assignalados pelos autores talvez possam ser attribuidos ao lactose e ao acido lactico, que se forma sob a acção dos microbios da suppuração ao nivel da ferida. O acido lactico que se forma de certo actua como antiseptico e impede a função proteolytica das diastases microbianas sobre os tecidos—*Coquot, Degois, Lesbouyriès*